
RESENHA

A BIOÉTICA E A REVOLUÇÃO TÉCNICO-CIENTÍFICA NO NOVO MILÊNIO

Levon Yeganiantz¹

Se a esclerose tiver que assumir um caráter prolongado e eu for ameaçado de uma longa invalidez (...) reservo-me o direito de determinar por mim mesmo o momento de minha morte (...). Natascha e eu já nos dissemos mais de uma vez que, se chegados a uma tal condição física, preferiremos encurtar a própria vida ou, mais exatamente, o longo processo da agonia (Trotsky, 1978, p. 79).²

... é nossa missão defender a vida e ressaltar a dignidade do Ser Humano. Para que isso aconteça, é necessária uma ciência que estude em profundidade a conduta humana do ponto de vista de uma reflexão moral unida à biologia e à medicina. Esta ciência é a bioética (CNBB, 2000, p.7).³

O dinamismo da realidade contemporânea e a revolução técnico-científica que exerce influência cada vez maior sobre o desenvolvimento econômico e o progresso social produzem, muitas vezes, situações complexas e imprevistas, colocando o indivíduo e, até mesmo, a coletividade perante alternativas morais, apresentando-lhes exigências cada vez maiores. Daí o aumento de atenção e do interesse especial em relação à ética como ciência da moral.

¹ Pesquisador, Embrapa – Secretaria de Administração Estratégica, Brasília, E-mail: levon@embrapa.br

² TROTSKI, L. Moral e revolução. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

³ CNBB. Setor família e vida Questões de bioética, o valor, a beleza e a dignidade da vida humana. Brasília: CNBB-2000, 79 p.

Bioética é um ramo da ética aplicada que reúne um conjunto de conceitos, princípios e teorias, com a função de dar legitimidade às ações humanas que podem ter efeito sobre os fenômenos vitais e a vida em geral.

A questão da ética está na ordem do dia. Mais do que um modismo, falamos de ética, hoje, por uma necessidade de sobrevivência no curto e no longo prazos. Esta necessidade que assume a forma de “imperativo ético” inclui o tratamento de doenças como a Aids, um exemplo emblemático.

Em 23 de abril de 2001, foi aprovada na Organização das Nações Unidas – ONU – a proposta formulada pelo Brasil, que define o acesso aos medicamentos como uma questão de direitos humanos. Pelos termos dessa Resolução o Estado deve garantir, sem discriminação, o acesso a remédios e à tecnologia médica para o tratamento da Aids, ainda que para isso desconsidere compromissos com as leis de patentes. Embora não tenha poder de lei, essa Resolução transformou-se em importante instrumento de referência para pacientes, associações e ativistas do mundo inteiro. A repercussão dos seus efeitos no âmbito das indústrias farmacêuticas empenhadas em pesquisas para a cura da Aids vai ser discutida na Organização Mundial de Comércio – OMC – em futuro próximo.

A Bioética vai de encontro ao culto do sucesso instantâneo, centrado no enriquecimento material. Se por um lado a Bioética exige governança responsável, por outro, uma enérgica mobilização na política econômica, e até mesmo na política de ciência e tecnologia, para que se criem instrumentos de controle sobre os detentores de poderes político e econômico.

Ética, em geral, e Bioética, em particular, podem e devem ser as bases de uma revolução das aspirações e inspiração que criam imperativos éticos. A aspiração deve partir de nós e de nosso comportamento profissional e pessoal. A inspiração virá da compreensão comum dos princípios e valores e da visão de que isto é possível, com a ajuda de livros como os comentados a seguir.

As obras foram selecionadas e resenhadas com o objetivo de oferecer uma seqüência de leituras autodidáticas para que pesquisadores, administradores, profissionais liberais e outros interessados em Bioética possam iniciar-se, ou mesmo, se aprofundarem no conhecimento dessa temática. Os primeiros seis livros constituem leituras ou referências necessárias para qualquer pessoa interessada em entender o assunto. Seguem-se outras obras que, embora não

apresentem muita novidade na sua essência, focalizam aspectos particulares do interesse das áreas de especialidade dos seus autores. Nesse contexto, os últimos livros têm caráter teológico e conseguem ligar a Bioética à religião – o que enriquece essa disciplina em relação às outras áreas da filosofia moral. Ainda assim, todos têm algo original que justifica tê-los à mão, para leitura parcial e seletiva, e para consulta dos estudiosos do tema.

1. FAGUNDES, M. B. *Aprendendo valores éticos*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2000. 101 p.

Este livro pode ser a iniciação ao estudo de Bioética para aqueles que não têm noções de filosofia e ética. É recomendável, portanto, para alunos do ensino fundamental. Trata de orientação aos jovens, dentro da família, da problemática do bem e do mal nas religiões, assim como dos movimentos místicos e das indagações mais profundas dos cientistas. Além de fácil leitura, didática, agradável e atraente, a obra possibilita a ampliação de horizontes sobre assuntos latentes e não menos importantes: a solidariedade, a amizade, a cooperação, o diálogo, a responsabilidade, o respeito, a construção da paz, a cidadania, a ecologia. Um exemplo das idéias que o leitor vai encontrar nesse texto aparece a seguir:

A ética exige que não tomemos posições que contrariem, que entrem em choque com nossas convicções. Porém, nossos desejos e nossos sentimentos nem sempre estão de acordo com os valores éticos que defendemos. É preciso aceitar este conflito entre desejos e razão, pois a consciência ética só se impõe na transferência do pensamento para a ação. Por exemplo, em momentos de raiva, você pode desejar dar uma surra no seu colega. Mas quando você pensa e usa a razão, acaba agindo de outra maneira. Neste caso, você está tendo consciência ética.(p. 94).

2. PRUDENTE, M. G. *Bioética: conceitos fundamentais*. Porto Alegre: Editora do Autor, 2000. 205 p.

Esse livro, organizado como um dicionário, tem como objetivo tornar acessíveis aos estudantes, profissionais ou interessados em tais assuntos, conceitos oriundos de várias áreas do saber, como: filosofia, política, sociologia, direito, medicina e bioética, que fazem parte do universo do discurso bioético.

Ao projetar esse dicionário, o autor optou por oferecer ao grande público uma obra de consulta que fosse de uso rápido e cômodo, de conteúdo exato e conciso, e de temática suficientemente ampla e pormenorizada. É portanto um dicionário temático que, além de explicar termos e de expor conceitos – função de qualquer dicionário – analisa os principais problemas de Bioética, o que vem a ser função peculiar de uma obra dessa natureza.

A Bioética utiliza muitos conceitos que são usuais na linguagem cotidiana, conferindo um sentido mais preciso no contexto disciplinar e interdisciplinar. Ao lado desses, encontram-se **novos conceitos** (intimidade, integridade, responsabilidade, consentimento, autonomia); **novos direitos** (direito à intimidade, direito de ser deixado em paz e similares); **novos princípios** (princípio da autonomia, princípio da justiça social, princípio da beneficência).

Em linguagem direta e acessível aos não iniciados em temas éticos, filosóficos e jurídicos, o autor desenvolve cada um dos conceitos que compõem a obra, oferecendo a perspectiva histórica do surgimento de cada um deles e o campo do conhecimento em que foi desenvolvido e utilizado pela primeira vez. Além de quase uma centena de definições conceituais que dão título à obra, mais de duzentos outros conceitos são também definidos pelo autor, quando expõe a gênese dos conceitos principais, todos eles facilmente encontráveis no índice remissivo. Ao final da obra, o leitor encontrará em apêndice, uma resumida biografia de filósofos, sociólogos, economistas, considerados pelo autor como referência obrigatória na bioética.

Este livro é um instrumento valioso de informação e pesquisa para todos os profissionais e estudantes de Medicina, Enfermagem, Direito, Ciências sociais e áreas afins. Mario Godoy Prudente busca, nesta obra, como afirma em sua introdução, “oferecer a todos os presumíveis interlocutores, as mesmas possibilidades de participar de uma comunidade discursiva” (p.14). Com tal postura, procura romper os estreitos limites do debate bioético que fica restrito ao mundo acadêmico, trazendo-o, ao definir os conceitos principais desta disciplina, para o centro da sociedade civil e dando, a cada um de seus membros, a possibilidade de participar, como interlocutor possível, da comunidade discursiva nos temas bioéticos.

Dada a sua objetividade e riqueza de informação, o livro pode ser comparado a um “kit de primeiros socorros”, podendo ser utilizado em casos de emergência por quem queira tratar da problemática de bioética e ética ambiental.

3. SEGRE, M.; COHEN, C. (Org.). *Bioética*. 2.ed. São Paulo: Edusp, 1999. 190 p.

A segunda edição deste livro, inicialmente publicado em 1995, apresenta dois novos capítulos de importância para a situação atual.

Marco Segre desejou aprofundar, sucintamente, seus próprios conceitos sobre autonomia, beneficência e não-maleficência, e justiça, que são considerados os “princípios da bioética” a partir da obra antológica de Beauchamp & Childress (p.7). No Capítulo intitulado **Consideração críticas sobre os princípios da Bioética**, Segre amplia a abrangência da preocupação Bioética, assim se expressando:

No caso da responsabilidade com a natureza extra-humana (Mata Atlântica, micoleão-dourado, radiação ionizante, e muitos outros exemplos), a autêntica adesão à idéia resulta da percepção íntima de nossa ligação com o planeta, juntamente com o qual ‘estamos’, e que a destruição dele é a nossa destruição. (p.176).

Cláudio Cohen escreve sobre a confidencialidade humana, tomando como paradigma o relacionamento entre o profissional de saúde e o paciente. Segundo ele, o fundamento da confidencialidade está na confiança entre as pessoas, na exigência de privacidade e na veracidade das informações.

Enfatiza, ainda, o equívoco de estar o médico a “fazer segredo”, com o paciente, de dados referentes a sua saúde. Destaca, também, o embate que, às vezes, surge entre a instituição de saúde e a imprensa, com objetivos diversos quanto ao segredo profissional.

No final do artigo Cohen destaca:

Frente à confidencialidade sempre existirá o conflito do que deve ser público e do que devemos respeitar como privado ou restrito a algumas pessoas da confiança do indivíduo.(...) Quanto ao dever legal, que é moral, devemos obedecê-lo, mas as questões éticas surgem diante de uma causa justa, pois o que venha a ser considerado como justo sempre será muito pessoal, portanto dependerá da ética do indivíduo. (p.187).

A tese principal do livro é que a Bioética deve fundamentar-se no princípio da autonomia, como síntese dos direitos universais (de todos os homens) e das exigências singulares de todo indivíduo, cada um dos quais é dotado, conforme demonstra a ciência (da genética à psicanálise), de características, de razões e de emoções que lhe são próprias.

Deve discutir o que fazer, com quem, a quem, com quais meios, com que objetivos, de forma que as relações entre a Ética e as Ciências Biomédicas sejam marcadas, ao mesmo tempo, pela liberdade do homem e pelo respeito a todos os seres humanos.

O que se depreende da leitura desse livro é que, na verdade, o objeto da Bioética tem uma longa história, sendo recente tão-somente a palavra bioética, no seu conceito disciplinar. Tal fato é demonstrado, por exemplo, pela experimentação em seres humanos, a qual, renovando seus métodos, vem ocorrendo há séculos.

A outra idéia é que a Bioética pertença apenas aos especialistas. Pode-se dizer, juntamente com Antônio Gramsci, que também nesse campo “cada homem é filósofo”, a partir do momento em que ele participa de uma concepção do mundo e que assume uma linha consciente de conduta moral. O princípio de justiça, por exemplo, está vinculado à exigência da distribuição equitativa de recursos para a saúde, tema que, no Brasil, foi centro de grandes movimentos culturais e políticos.

O Capítulo 11, de autoria de José Rodrigues Louzã, trata de documentos médicos: aspectos éticos e legais. Constitui um glossário de documentos como sigilo médico, responsabilidade médica, arquivos médicos, ficha e prontuário clínicos, receitas médicas e outros. Estes conceitos são apresentados identificando tanto aspectos éticos como legais, principalmente para uso dos profissionais de saúde.

O livro traz à tona dilemas éticos cruciais para a sociedade atual, como o da experimentação científica em seres humanos, o relacionamento entre o paciente e o profissional de saúde, a codificação do exercício profissional do médico, e vários outros que se imbricam com a problemática do aborto, da engenharia genética, dos transplantes de órgãos e da eutanásia.

Destaca-se, no texto, a importância de se criar uma bioética ancorada no desenvolvimento da personalidade, passando, antes de tudo, pela autonomia do

indivíduo, que ajustará, conseqüentemente, suas necessidades às de seus parceiros na comunidade em que vive.

4. CORDEIRO DOS SANTOS, M. C. *O equilíbrio do pêndulo: a bioética e a lei*. São Paulo: Ícone, 1998. 313 p.

A autora é doutora em filosofia do direito, professora da USP e Coordenadora da Comissão de Bioética e Biodireito da Ordem dos Advogados do Brasil, Seção de São Paulo. O livro destaca os aspectos jurídicos e bioéticos e propõe que, como a dignidade humana aparece configurada como um direito universal, não se pode esgrimi-la como limite à liberdade científica. Em relação à clonagem, a autora questiona o equilíbrio da espécie humana que pode ser afetado. A garantia institucional de um núcleo inviolável constitui limite à liberdade científica e tecnológica, que todo estatuto jurídico deve assegurar.

O livro mostra que as dimensões éticas e jurídicas estão em constante evolução e tendem a enfocar questões cruciais, como a morte; a genética e a procriação humana assistida; a pesquisa biomédica e a experimentação com seres humanos; a clonagem; a eugenia etc.

Segundo a autora, para manter o equilíbrio social, são necessárias regras, normas e leis. É preciso conhecer as circunstâncias e a magnitude do prejuízo causado e benefícios potenciais. A sociedade aguarda que a justiça restabeleça o equilíbrio rompido, ou em vias de o ser.

O conceito de equilíbrio constitui o fundamento principal deste livro, assim definido logo no início:

O equilíbrio natural não é como o de uma balança imóvel, carregada de pesos iguais, repartidos entre os dois pratos. É antes o equilíbrio de um pêndulo, com oscilações regulares. Esse equilíbrio é mantido em virtude de diversos fatores de regulação. Se algum desses fatores for perturbado, o equilíbrio natural se rompe. (p.2).

Partindo da noção de equilíbrio natural, a obra focaliza um dos temas mais discutidos na atualidade: o Biodireito em complementaridade com a Bioética. Aparentemente a ética tem preenchido os vazios normativos positivos, mas o Direito não se esgota na lei.

O interesse coletivo no irrenunciável progresso da ciência médica, de um lado, e o interesse individual, o respeito à pessoa humana, em seus bens existenciais de vida, dignidade e integridade física etc., de outro, exigem um repensar sobre o uso das modernas tecnologias e uma regulamentação jurídica de seus limites.

A metodologia do livro é a Tópica, como expressa o próprio autor: “É a técnica de pensar por problemas, ocupando-se das aporias jurídicas. Seria uma *ars inveniendi*, ou seja, uma arte de descobrir premissas, que irá presidir a solução dos concretos problemas da vida”(p.17).

Outras idéias principais são mencionadas em seguida: a questão da ética, da moral e dos valores é tão antiga quanto a própria humanidade. No século XX, a cultura ocidental foi organizada de acordo com os valores da ciência e da tecnologia.

Parece tarefa fundamental, hoje, ajudar os nossos cientistas estudiosos a ter o embasamento necessário para que façam as suas opções, para que consolidem os seus valores e consigam elucidar as suas escolhas neste mundo cheio de novas informações e confuso ao mesmo tempo, mas que nem sempre ajuda na formação de pesquisadores realmente humanizados.

Estamos carentes, sem saber como e onde encontrarmos novos valores para o século XXI que está à nossa frente. Por possuir características lúdicas, a Bioética permite que os estudiosos e outras pessoas se envolvam na sua prática no dia-a-dia de forma mais espontânea e descontraída.

Mudança nenhuma surgirá se não nos unirmos para construir uma nova sociedade baseada na Bioética que nos aponte um caminho para dar um sentido mais profundo às nossas vidas.

5. RIOS, A. R. ITAGIBA, I. C. L.; BARBOZA, H. H.; BARRETO, V.; SAPUCAIA, M. R.; BECKER, P.; LEVCOVITZ, H.; SANTOS, G. R.; BECKER, B. *Bioética no Brasil*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1999. 200p.

A originalidade deste livro está no fato de veicular idéias sobre a bioética que refletem preocupações próprias do contexto brasileiro, ainda que válidas para o resto do mundo.

Os autores representam diferentes áreas disciplinares e experiências, todas elas ligadas à Bioética, ao mesmo tempo em que formam uma rede com vários pontos de interseção. O tecido resultante não preenche todas as lacunas, mas tem consistência suficiente para valorizar alguns novos caminhos e recusar outros. Portanto, poderá ser útil para orientar a prática e a reflexão do público em geral. O livro reúne contribuições provenientes da Medicina, da História da Ciência, da Filosofia, da Psicanálise, do Direito, da Geografia e de outros campos. Os textos são fruto de uma série de debates sobre o assunto que envolveu um notável grupo de pesquisadores, professores e clínicos dessas áreas.

O artigo de André Rangel Rios, professor do Instituto de Medicina Social da Uerj, formado em medicina com mestrado em Filosofia e doutorado na Universidade Livre de Berlim, trata de filosofia e biotecnologia.

Ivair Coelho Lisboa, professor de Filosofia da Universidade Cândido Mendes e Uerj é autor do artigo **A Ética de Spinoza. Imanência de luz e etologia**. Segundo o autor a etologia (um certo modelo biológico) "...concebe a potência de existir, agir e pensar como o esforço para experimentar a virtude ética mais apreciada, isto é, experimentar alegrias ativas" (p.39).

Heloísa Helena Barbosa, professora-titular de Direito Civil da Uerj e Procuradora de Justiça, aposentada, contribui com artigo intitulado **Direito ao corpo e doação de gametas**, que trata o tema sob a ótica do "biodireito". O artigo foi elaborado de acordo com a Declaração do Genoma Humano, aprovada pela Unesco em 20.12.96, segundo a qual "o genoma humano é herança comum da humanidade" e "o genoma de cada indivíduo representa uma identidade genética específica." (p.51-52). Segundo a autora:

No vasto campo compreendido pelo biodireito, assume cada vez mais destacado papel o "direito ao próprio corpo", tendo em vista que os avanços da medicina, de certo modo, restauram a idéia de "propriedade" sobre o corpo, em decorrência da possibilidade de disposição de partes do organismo humano em benefício próprio ou de terceiros. (p. 42-43).

Vicente Barreto, livre docente em Filosofia, trata de **Problemas e perspectivas da Bioética**. Considera a Bioética como o mais novo ramo da Filosofia moral que constitui a fonte e o parâmetro de referência tanto para o cientista como para o cidadão comum. Destaca, também: "A Bioética, portanto,

não pretende constituir-se no corpo de uma moralidade canônica, estabelecida por uma autoridade religiosa ou política, que impõe a sua concepção moral própria.” (p. 61).

Tratando de tema essencial para a sobrevivência da humanidade e que envolve liberdades, direitos e deveres da pessoa e da sociedade, a bioética transformou-se na mais recente fonte de direitos humanos (p.74).

Madalena Ramirez Sapucaia, psicanalista e professora de psicologia da PUC-RJ, em trabalho intitulado **Pater semper incertus est, enquanto a mãe é certíssima: O fim de uma era**, trata da problemática da solução tanto do ponto de vista psicanalítico como do dilema da Bióetica, considerando também problemas legais, conclui o trabalho com o seguinte parágrafo:

Com as técnicas de reprodução artificial incluiu-se um novo agente na decisão de reprodução: o médico, que decide quantos embriões vão ser inseminados e quantos vão ser “reduzidos” etc. Será que no futuro a sociedade vai ter métodos de controle para decidir, não só o número de filhos, mas o tipo de filho que cada um vai pode ter? “Para uma mulher frígida, marido congelado.” (p. 94).

Paulo Becker, médico psiquiatra e psicanalista, é o autor do próximo texto **Psicanálise e ética dos bios** que aborda as questões das descobertas e aplicações da tecnobiologia dentro de uma perspectiva teórica lacaniana. “Para o psicanalista, cabe examinar o problema à luz da primazia do desejo que define a sua posição ética (p.98).

Segue-se o texto de Henrique Levcovitz, médico especializado em genética e pediatria, intitulado **Admirável Mundo Novo**. Enfatizando a evolução da investigação genética e sua manipulação, o autor levanta questões como “O que é a vida? O que significa o ser humano? Devemos permitir a nossos cientistas serem co-autores no processo evolutivo? Quem determina que vida deve ser vivida? Queremos realmente um livre mercado de gens?” (p.118).

Nesse capítulo, Henrique Levcovitz analisa avanços de computação, telecomunicações, biotecnologia, astronomia e faz a previsão de que durante a atual revolução tecnológica, indústrias inteiras e modos de vida consagrados desaparecerão.

O artigo conclui com uma pergunta instigante: “Que será de um mundo onde o indivíduo vive apenas para realizar uma agenda planejada pelos seus genes?” (p.126). A resposta é a seguinte: “... Precisamos criar uma ética que exalte a possibilidade humana de transcender a biologia, que preserve a individualidade e a singularidade. Uma ética que marque o nosso espaço entre os nossos genes e os nossos sonhos.” (p.126).

O penúltimo capítulo, intitulado **A Bioética e o Brasil**, é de autoria de Joel Rufino dos Santos, professor de Comunicação, historiador e escritor que dá uma interpretação diferente de todas as abordagens anteriores, assim definindo o seu trabalho:

Movendo-me entre a história, a antropologia e a teoria literária, minhas considerações servirão para problematizar ainda mais o que de si (a bioética) já é problemático. Minha contribuição será a do pretensioso aventureiro que ousa falar em nome da “verdade do homem (p.128 e 129).

Inicialmente o autor destaca a visão tradicional em que a ética aparece como corporativismo das profissões regulamentadas. Uma parte do trabalho é dedicada à Bioética no contexto da sociedade Brasileira. As questões racial e de gênero são também mostradas como um problema de bioética.

O último capítulo de autoria de Bertha K. Becker, professora de Geopolítica e consultora do Ministério do Meio Ambiente e do Banco Mundial para os projetos referentes à Amazônia, é denominado **Amazônia, Fronteira Experimental para o Século XXI. Atores, Estratégias, Conceitos**.

A hipótese principal de trabalho é que os projetos alternativos são experiências sociais e também experimentos, componente essencial da logística da pesquisa em biotecnologia, já que conhecimentos em memórias locais facilitam o acesso às matrizes genéticas e agilizam o levantamento da informação sobre a vida; são em si fonte de informação por seu saber local.”(p.167). A autora inicia o artigo destacando a dificuldade do acesso à informação gerada na região para a sociedade brasileira em geral e a sociedade amazônica em particular, desta forma:

L. Yegianantz

Alianças motivadas por interesses ambientalistas legítimos e por interesses geopolíticos em controlar os estoques de natureza, hoje valorizada como capital natural, particularmente o maior banco genético do planeta, localizado na região. (p.166).

E conclui: ‘Evidencia-se a necessidade imperiosa de institucionalizar a cooperação internacional de modo a assegurar à nação transparência sobre os processos de uso do seu patrimônio natural.’

6. GARRAFA, V.; COSTA, S. I. F. (Org.). *A bioética no século XXI*. Brasília: Editora da UnB, 2000. 158 p.

Este livro é o produto final das diferentes apresentações feitas durante o II Congresso Brasileiro de Bioética, realizado em Brasília em março de 1998.

No prefácio, os organizadores definem o conceito de bioética global, como intenção original de Van Ressenlaer Potter de constituir uma espécie de ponte, ligação e integração harmônica entre os conhecimentos científicos e a vida humana presente e futura (p.9).

O primeiro ensaio intitulado **A Bioética no século XXI**, de autoria de Volnei Garrafa, Sérgio Ibspina F. Costa e Grabiél Oselka, destaca a preocupação com a bioética como a pauta básica das preocupações dos diferentes governos, das comissões científicas e dos congressos internacionais de bioética. Os temas tratados incluem: saúde pública e equidade; engenharia genética e testes preditivos; avanços tecnológicos, benefícios e distorções. Os autores questionam a tese de Francis Fukuyama de “fim da história” da seguinte forma: “A Engenharia genética nos devolve uma história. Reinventa e renova a história. O perigo, no entanto, reside no fato de a técnica vir a dominar o mundo, a sociedade, a natureza, sem mediação científica e sem conflitos sociais.”(p.20).

No final do artigo, a relação entre Biodireito e Bioética está bem apresentada por uma citação de Lecaldano:

Existe um núcleo de questões que precisa ser reproduzido dentro de regras de caráter moral, e não sancionado juridicamente; e outro, no qual estas questões devam ser mais rigidamente sancionadas e, portanto, codificadas. O primeiro aspecto

se refere ao pluralismo, à tolerância e à solidariedade, prevalecendo a idéia de legitimidade. O segundo diz respeito à responsabilidade e à justiça, em que prevalece a idéia de legalidade (p.22).

Alastair Campbel, a seguir, trata da visão internacional da bioética, que na sua conceitualização, vai bem além do conceito de saúde e medicina convencional, incluindo todo aquele que, de uma forma ou de outra, afeta o bem-estar do homem durante um curto prazo.

Giovanni Berlinguer contribuiu com o artigo denominado: **‘Equidade, qualidade e bem-estar futuro’** que termina com a idéia de que “a ética e as relações entre a ética e as políticas de saúde podem ser a bússola, os fundamentos para se obter um bem-estar maior em um mundo mais solidário.” (p.48).

Outros tópicos incluídos na coletânea são **‘Bioética nas desigualdades sociais’**, de autoria de Márcio Fabri dos Anjos e **‘Bioética e política de recursos em saúde’**, de Miguel Kottow.

A segunda parte trata de aborto, de genética, de novas tecnologia de saúde e termina com o artigo de Agenor Spallini Ferraz intitulado “Doação consentida X Doação Presumida. Um problema ético ou um dilema social?”

Ao final da leitura pode-se concluir que é verdadeiramente impossível fazer uma análise deste livro dissociando os diferentes artigos. Não se trata de divisões estanques. Há, pelo contrário, um encadeamento necessário entre os temas, à medida que a compreensão de um antecedente permite o entendimento do conseqüente.

7. BERLINGUER, G.; GARRAFA, V. *O mercado humano – estudo bioético da compra e venda de partes do corpo*. Brasília: Editora da UnB, 2001. 252 p.

Berlinguer dirige a Escola de Aperfeiçoamento em Bioética da Universidade da Sapienza, em Roma e é uma autoridade mundial em medicina social, tendo exercido papel fundamental no desenvolvimento da reforma sanitária italiana. Volnei Garrafa coordena o grupo de estudos e pesquisas em bioética da Universidade de Brasília.

L. Yeganiantz

Este livro aborda com rigor científico um dos temas mais dramáticos deste início de milênio: o desenvolvimento da ciência, que trouxe a melhoria de vida do homem, suscita questões de desconcertante impacto, como questões referentes ao risco da mercantilização do corpo humano. Em outras palavras, trata da comercialização do corpo humano. Tudo pode ser comprado ou mesmo roubado? Os órgãos para transplante, o sangue para as transfusões, os recém-nascidos para as adoções, as meninas para a prostituição?

Como destaca Willian Saad Hossne, presidente da Sociedade Brasileira de Bioética – SBB – no prefácio do livro, calcados em realidades diferentes (Itália e Brasil), os autores fazem muitos questionamentos como os seguintes:

De quem é o corpo humano? A quem pertencem suas partes? A quem pertencem as células? A quem pertencem os órgãos do cadáver?

As partes do corpo humano podem ser vendidas, compradas, roubadas, hipotecadas ou sorteadas? Os genes (a humanidade) podem ser patenteados? Pode-se patentear a descoberta daquilo que já existe na natureza? As mulheres podem ser encaradas como “fábricas” de tecido fetal para transplante?

Podem ser produzidos embriões para fins de pesquisa? O que fazer com os embriões “supranumerários”? Deve existir um estatuto de embriões e fetos? (p.8)

A segunda edição lançada em abril deste ano apresenta duas novidades.

Um artigo do filósofo marxista Antônio Gramsci, publicado em 1918, quando transplantes de órgãos sequer existiam (o primeiro transplante renal que teve sucesso data de 1954), e uma carta do jurista Norberto Bobbio que comenta a importância do livro para o debate ético e destaca os problemas entre ética religiosa e ética laica.

O livro mostra que a futura comunidade mundial não pode ser simplesmente uma comunidade de interesses, somente um gigantesco mercado e que a globalização precisa de direito e ética como complemento e instrumento corretivo

Graças a sua sólida formação científica e cultural, os autores discutem os temas de modo instigante, abordando ciência, literatura e arte, medicina, filosofia e sociologia, de maneira inteligente, ao mesmo tempo em que sedutora e extremamente agradável à leitura.

Berlinguer & Garrafa, no século XXI, têm as mesmas preocupações de Marx no século XIX, que Gramsci no início do século XX, de que tudo, absolutamente tudo viesse a se transformar em mercadoria.

8. CHANGEUX, Jean-Pierre (Org.). *Uma ética para quantos? Bauru: EDUSC, 1999. 160 p.*

Esta obra reúne artigos apresentados por vários autores durante o seminário anual de Ética realizado na França. O tema: **Uma ética para quantos?** embora estudado sob perspectivas diferentes, aponta uma unidade na diversidade científica e cultural de abordagem, ao mesmo tempo em que abre um debate democrático sobre esse problema.

O livro é composto de onze ensaios e de uma apresentação de seu organizador, que justifica e discute com clareza e competência o debate sobre a Ética numa sociedade pluralista. Nessa introdução, o autor mostra o papel do Comitê Consultivo Nacional de Ética para as Ciências da Vida e da Saúde da França que já completou dezoito anos. Criado por decreto do Presidente da República, em 23 de fevereiro de 1983, esse Comitê já atingiu maturidade própria, demonstrada diante do exercício da difícil missão que lhe foi confiada e serviu como modelo para outros países. Segundo os organizadores desse livro:

...O Presidente Clinton instalou, nos Estados Unidos, uma Comissão Consultiva Nacional de bioética. E para referir o último exemplo ocorrido: o Egito acaba de criar um Comitê do mesmo tipo... O Diretor Geral da UNESCO, Senhor Frederico Mayor, criou um Comitê Internacional de bioética... A Comunidade Européia se engajou num empreendimento similar, ao criar uma instância consultiva encarregada de identificar as questões éticas colocadas pelo desenvolvimento das biotecnologias. Quanto ao Conselho Europeu, este acaba de adotar uma convenção para proteger os direitos do homem e da dignidade humana em relação às aplicações da biologia e da bioética (p.3).

O primeiro ensaio, **Os problemas do relativismo moral**, escrito por Anne Fargot-Largeault, professora de filosofia das ciências da Universidade de Paris VII, examina a tese do relativismo moral.

O segundo ensaio, **“Há abertura para uma sabedoria universal nas éticas religiosas?”**, mostra a contribuição dos religiosos para a questão da moral. O autor, Olivier de Dinechin, é jesuíta e professor de teologia moral.

No terceiro ensaio, **“Ética, diversidade e universalismo: a herança de Darwin”**, Camilo J. Cela-Conde, professor de filosofia, faz uma reflexão sobre a predisposição natural à moral que o ser humano revela ter.

O quarto ensaio, **“Os níveis da Ética”**, de Henri Atlan, professor de biofísica, examina três níveis diferentes de exigência ética e revela a necessidade de aceitação das diferenças pessoais e culturais, reconhecendo a teoria nos fatos.

O quinto ensaio, **“O eu, o outro e a tolerância”**, de Françoise Héritier, professora de antropologia social, discute o papel da tolerância como mediadora entre os homens.

O sexto ensaio, **A psicologia cognitiva pode contribuir para uma reflexão sobre a moral?** de Jacques Mehler & Frank Ramus, pesquisadores de ciências cognitivas, discute a posição, muitas vezes niilista, de pesquisadores da área de ciências humanas, em relação à ética e à moral.

O sétimo ensaio, **“O direito é universalizável?”**, de Mireille Delmas-Marty, professora de Direito, examina criticamente, a partir do processo de globalização, a necessidade de inserir nesse contexto o universalismo da ética e da moral.

O oitavo ensaio, **Ética e diversidade cultural: uma perspectiva islâmica**, de Ali Mérad, professor de Pensamento irânico moderno, aborda a questão da ética numa perspectiva um tanto subjetiva, pois se fundamenta na filosofia islâmica.

O nono ensaio, **A escola entre o universal e o individual** de François Dubet, professora de sociologia, pensa de maneira crítica a relação do laicato como preservador da individualidade, e a escola como reveladora de posições sociais e, ao mesmo tempo, reprodutora de desigualdades, enquanto privilegia os privilegiados.

O décimo ensaio, **A escola da república e os direitos humanos**, de Luc Ferry, professor de filosofia, considera a relação que a escola estabelece entre os direitos humanos e a ética.

O décimo primeiro ensaio, **Para se entender Ética: atos de linguagem e linguagem dos atos**, de Lucien Seve, filósofo, fecha o livro, afirmando a

necessidade da não uniformização cultural em matéria de ética, mas a partilha dos valores humanos.

Para aqueles que lidam com o homem, sobretudo para médicos, biólogos, advogados, filósofos, antropólogos, religiosos e estudantes das áreas Humanidades e Saúde, em geral, este é um livro fundamental, não só pela atualidade do tema, mas, principalmente, pelas possibilidades de debates e de outras investigações que ele inaugura.

A principal conclusão desse livro é de que não haverá sobrevivência sem uma ética mundial. A Bioética pode ser base desta ética que servirá como ponte e base de paz entre as religiões, já que sem paz entre as religiões não haverá diálogo entre elas.

Segundo este livro, a bioética deve incluir a análise das inúmeras conquistas feitas em vários setores da agricultura e da zootecnia importantes resultados obtidos no campo da medicina veterinária com implicações na medicina humana.

9. SELLI, L. *Bioética na enfermagem*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 1999. 153 p.

Lucilda Selli, religiosa da Congregação das Irmãs Ministras dos Enfermos de São Camilo, tem formação em Teologia pela PUCRS, é mestra em Assistência de Enfermagem pela UFSC e professora adjunta da Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

O livro é composto de três partes: modelo ético na relação médico-cliente, evoluções históricas dos princípios bioéticos da beneficência, autonomia e justiça, e interpretação do discurso à luz dos princípios bioéticos. Na conclusão, são identificadas as relações de poder médico-enfermagem e enfermagem-cliente como fonte de dificuldades para o encaminhamento de soluções dos problemas da prática profissional.

A autora toma por base para seu trabalho e conclusões o exercício dos profissionais de enfermagem em atendimento aos seus clientes, com relevância aos sentimentos suscitados na relação destas pessoas, ou, melhor dizendo, na interação das partes envolvidas. Nesta interação certamente se encontram muitos dos resultados, positivos ou negativos, do tratamento em que está implicado o cliente, objeto desta ação.

L. Yeganiantz

Ela apresenta a Bioética como antítese do economicismo e se vale de uma citação de Berling para justificar o seu pensamento:

...Prevalece ainda a idéia de que o homo economicus deve ser moralmente neutro, baseando-se no fato de que cada aspecto da vida humana pode ser regulado pelo livre-mercado. O aparecimento de problemas causados por essa regulamentação (livre-mercado) e mesmo da vinculação das exigências do mercado impõe aos economistas, e demais atividades, princípios de conduta que se baseiam nas teorias éticas contemporâneas, incluindo as da justiça distributiva. (p.53).

É um texto de grande proveito para a área da saúde de um modo geral, trazendo benefícios especificamente aos profissionais de enfermagem, pessoas expostas no seu dia-a-dia ao sofrimento humano e que, para tanto, necessitam estar providas de uma força interior capaz de permitir, a cada momento, a revisão de seus atos que, além da técnica exata, requerem grandes doses de humanismo, solidariedade e, por que não dizer, entrega à exposição dos próprios afetos. Neste sentido, os conhecimentos da Bioética se apresentam como fundamentais para a formação integral desses profissionais.

10. RODRIGUES DE LIMA, A. O. *Ética global*. São Paulo: Iglu Editora, 1999. 122 p.

Alex Oliveira Rodrigues de Lima é advogado, contador, professor de Ética e Legislação Profissional na Faculdade de Ciências Econômicas de São Paulo.

Na introdução, o autor apresenta sua definição de ética da seguinte forma:

A ética interliga-se com a filosofia que, etimologicamente, significa “amor da sabedoria”. Caracteriza-se pela intenção de ampliar a compreensão da realidade. Também interage com a psicologia, que é a ciência dos fenômenos psíquicos e do comportamento. Assim, a ética pode ser definida como a exteriorização da moral humana. (p.7).

Neste livro, o leitor é apresentado à ética profissional e aos códigos de ética do advogado, do contador, do médico, do engenheiro e do administrador. De

particular importância são as “Normas Deontológicas Fundamentais” da Ética na União Européia.

Não é concedido ao profissional, para evitar o risco de induzir o público em erro, o uso de meios publicitários. Ao profissional é concedido o uso de comunicações limitadas e informativas ao público de um número circunscrito de fatos, no interesse deste último. Na comunicação deve ser respeitado o princípio que o seu meio deve ser compatível com a dignidade do profissional. (p.122).

Com uma abordagem teórica de situações cotidianas e exercícios práticos de meditação, prepara os profissionais do terceiro milênio para a ética global internacional.

No curto capítulo VI que trata de Bioética, as seguintes afirmações merecem atenção:

A bioética proíbe o uso de recursos do governo em pesquisas de clones humanos...

...Na área médica, existem abismos entre a filosofia, como é ensinada na escola, e os assuntos reais da vida...

...A situação político-econômica não pode justificar o cometimento de falhas éticas... (p.31).

...Todos têm o direito de um atendimento digno, e mesmo com deficiências estruturais gravíssimas, o profissional da área médica deve utilizar-se de todo o seu potencial para salvar as vidas. (p.32).

A principal mensagem do livro é que a Bioética não deve ser apenas uma ética temática ou setorial – deve, também, criar uma relação simbólica com a ética profissional com maior abrangência do que a ética médica convencional.

11. GRÜN, M. *Ética e educação ambiental*. São Paulo: Papirus Editora, 1996. 114 p.

O autor reconhece a necessidade de incluir problemas de bioética na educação ambiental, sem entrar nos detalhes de como fazer essa inclusão. Essa tarefa é parcialmente cumprida no livro comentado a seguir.

12. RUSSO, G. *Educar para a bioética*. Petrópolis:Vozes, 1997. 244 p.

Neste volume, os elementos catequéticos e de formação da Bioética, considerados como processo “pedagógico-didático” de orientação eclesial, visam à transformação sociocultural da qualidade de vida, por meio de uma “qualificação educacional”. Num processo didático-pedagógico, propõe questões da bioética a partir da orientação eclesial e das transformações socioculturais. Um bom instrumento para quem quer ensinar e aprender sobre a qualidade de vida a partir de uma qualidade educativa, reconciliando, assim, contradições da religião e bioética.

13. VIEIRA, P. F.; RIBEIRO, M. A. (Org.). *Ecologia humana, ética e educação*. A mensagem de Pierre Dansereau. Florianópolis: Editora Pallotti Hi/APED, 1999. 704 p.

O professor Pierre Dansereau permanece, até o momento, conhecido de um segmento restrito da comunidade científica brasileira, principalmente na área de Biogeografia. Este volume pretende promover uma difusão mais ampla de suas idéias, também na área de ética ambiental.

A coletânea reúne uma amostra representativa de extensa e diversificada obra do legendário “cientista de pés descalços” que formulou uma interpretação do impacto humano sobre o meio ambiente que lhe permite caracterizar a compaixão, a equidade no acesso e na repartição dos recursos, a diversidade e a “austeridade feliz” como princípios éticos norteadores de novos projetos de sociedade e de novos estilos de vida.

As partes I e II são trabalhos produzidos nas últimas cinco décadas e incluem uma nova e inédita síntese de sua trajetória intelectual. Neste contexto, destaca-se uma convergência de todas as forças da sociedade buscada pelo Professor Dansereau em toda sua vida profissional. Na introdução ele destaca: “... Tais forças são veiculadas por meio das ciências e técnicas, da educação e da comunicação e, inevitavelmente, da ética privada e pública fundada no princípios da justiça e da compaixão.” (p.23).

Mais adiante o autor confessa que: “... A percepção de que toda problemática ambiental desemboca inevitavelmente na ética acompanhou-me evidentemente desde o início da minha carreira”. (p.46).

Merece transcrição citação de Dansereau em relação ao Brasil:

... Desde 1945, o Brasil tornou-se para mim uma segunda pátria. Nos momentos difíceis que experimentei em outros lugares do mundo, eu costumava sempre evocar o otimismo dos brasileiros, sua orientação para o futuro, e sua abertura a todas as influências culturais estrangeiras, frente às quais eles não percebem ameaça alguma. (p.53).

O livro incorpora depoimentos de vários de seus ex-alunos e colaboradores que participaram do Simpósio Ética Ecológica e Educação para o Ecodesenvolvimento: A Mensagem de Pierre Dansereau, realizado em Belo Horizonte, em setembro de 1998, que constitui a parte III.

Na terceira parte, encontram-se dois trabalhos que condensam o essencial de sua contribuição à filosofia da educação e, na quarta, os comentários sobre sua pessoa e sua obra que nos foram encaminhados após o encerramento do simpósio de Belo Horizonte.

Na última parte do livro, os leitores interessados numa revisão mais ampla e profunda da contribuição teórica e metodológica de Pierre Dansereau poderão dispor da versão integral de sua bibliografia.

Na contracapa do livro aparece a seguinte citação de Pierre Dansereau que resume a principal idéia do livro: “As ciências do meio ambiente estão à procura de uma nova síntese do saber e de uma nova prescrição cujo princípio será mais ecológico do que econômico e mais ético do que científico.

14. LAYRARGUES, P. P. *A cortina de fumaça, o discurso empresarial verde e a ideologia da racionalidade econômica*. São Paulo: Annablume Editora, 1998. 238 p.

Este livro, como o comentado anteriormente, não trata de bioética de forma direta. Enfoca alguns aspectos da ética empresarial que, no futuro, devem incorporar problemas relacionados com a bioética. O maior e principal interesse do estudo da bioética está na identificação do conflito ideológico, ainda camuflado, expresso pela racionalidade ecológica e econômica (p.214-221).

O autor destaca o desenvolvimento sustentado, ou seja: o ecodesenvolvimento baseado na prudência ecológica, na eficiência econômica e na justiça social.

L. Yeganiantz

Transcreve-se, a seguir, uma citação do autor que resume bem o seu pensamento sobre a disjuntiva ética entre a ecológica e a economia: “O ecologismo, em sua vertente profunda, nos ensina que a natureza está recheada por uma ética, a ética ecológica. Assim, por vir antes da economia, esta última deveria incorporar, além do valor monetário da natureza, valores éticos.” (p. 219)

15. LEPARGNEUR, H. *Bioética, novo conceito a caminho do consenso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996. 108 p.

Autor, teólogo moralista camiliano escreve regularmente sobre questões de moral, bioética e saúde na revista O Mundo da Saúde da USC – Faculdades Integradas São Camilo. Autor de inúmeros livros, entre outros: O lugar atual da morte (Editora Paulus), Antropologia do Prazer (Editora Papirus) e Consciência, Corpo e Mente (Editora Papirus).

Segundo o autor: “Não é estranho que uma nova disciplina, sempre herdeira de segmentos outrora cobertos por outras disciplinas, não consiga se autodefinir exatamente de imediato.” (p.7).

Ao mesmo tempo o autor apresenta a função da bioética de como formar o **modus vivendi** da coexistência mundial pacífica num planeta que se tornou pequeno para exuberantes seis bilhões de habitantes e onde crescem legítimas dúvidas a respeito da gestão da vida, assunto em que solidariedade é um dado factual que exige consenso.

A bioética não deixa de se relacionar com o conceito de pessoa, com os princípios da moral, em busca de uma fundamentação que, talvez, nunca será universalmente aceita em suas determinações, inclusive, de preocupações práticas para salvaguardar direitos humanos ameaçados.

16. JACQUEMIN, D. *A bioética e a questão de Deus: caminho secular de interioridade e de espiritualidade*. São Paulo: Edições Paulinas, 2000. 174 p.

Nesta obra, o autor analisa os avanços tecnológicos atuais sob o ponto de vista de seus desafios éticos e teológicos e oferece, particularmente, elementos para uma aproximação entre ciência e espiritualidade. Para tanto, baseia-se na

convivência com profissionais de saúde e em sua experiência, a cuja profundidade existencial a bioética pode conduzir.

17. FERNÁNDEZ, J. G. *10 palavras-chave em bioética*. São Paulo: Edições Paulinas, 2000. 343 p.

O livro contém dados científicos e critérios éticos sobre dez temas atuais de bioética: bioética, aborto, eutanásia, pena de morte, reprodução, genética, AIDS, drogas, transplante e ecologia. Inclui aspectos bíblicos, teológicos e dados colhidos na tradição e magistério eclesiais.

Já que a especialidade do autor é Teologia Moral, no tratamento de cada verbete-ensaio foi dado um relevo especial às contribuições da Bíblia, da reflexão teológica, do magistério e da tradição eclesial.

A perspectiva do autor é inegavelmente sistêmica e interdisciplinar e não deixa de apresentar ao leitor dados científicos que afetam os diferentes temas, enfocando, também, a problemática legal, o que torna este livro bastante recomendável aos acadêmicos e estudiosos.

O livro é baseado na idéia de Albert Schveitzer, citado na introdução, segundo o qual Ética é uma responsabilidade que se estende ilimitadamente a tudo o que vive. (p10).

18. MANZINI, R. et al. *Éticas da mundialidade: o nascimento de uma consciência planetária*. São Paulo: Paulinas Editora, 1999. 252 p.

Este livro, de autoria de Roberto Mancini, Francesca Aimone, Alessandra Catalani, Sara Gaetani e Elvira Mastrovincenzo, trata de problemas que afetam hoje o mundo de uma forma planetária, como o descaso a agressões ao meio ambiente, as guerras étnicas, as desigualdades sociais e a violação dos direitos humanos.

19. PESSINI, L.; BARCHIFONTAINE, C. de P. *Problemas atuais de Bioética*. São Paulo: Edições Loyola, 2000. 527 p.

A obra, já em sua quinta edição, publicada pelo Centro Universitário São Camilo, além de tratar dos principais problemas atuais da Bioética, inclui uma

coleção completa de documentos oficiais relacionados com essa área (Parte VI, 399-524), começando pela Declaração Universal de Direitos Humanos e terminando pela Declaração Universal de Genoma Humano.

20. ENGELHARDT, H. T. *Fundamentos de bioética*. 2.ed. São Paulo: Loyola, 1997. p. 508 p.

Esta segunda edição é uma revisão substancial das questões analisadas na primeira, publicada em 1986.

Engelhardt advoga o futuro da ética como definida pelas estratégias que vão lidar com o pluralismo cultural ético de não se abandonar ao relativismo moral. Ele entende reconhecer a realidade do pluralismo e defender o respeito da legítima autonomia de todas as pessoas sem abdicar das próprias convicções pessoais e sem pedir a ninguém que abdique do veredicto de sua consciência, ao qual pessoas convergem ao optar por determinado modelo ético que não prejudica os partidários de outro esquema.

A incursão por posições filosóficas que caracterizariam uma bioética “secular” foi incrementada para ressaltar os desafios apresentados à bioética contemporânea, às políticas de assistência à saúde, à justiça social e à ética ambiental.

A bioética é reexaminada à luz das dificuldades apresentadas à ética aplicada, em face das persistentes controvérsias acerca do conteúdo de moralidade e de justificação da ética individual.

21. SGRECCIA, E. *Manual de bioética. Fundamentos e ética Biomédica*. São Paulo: Editora Loyola, 1996. v. 1. 687 p.

22. SGRECCIA, E. *Manual de Bioética. Aspectos médicos e sociais*. São Paulo: Editora Loyola, 1997. 562p.

A obra original foi publicada em 1991 e constitui o maior livro de referência nesta área. No primeiro volume são estudados os fundamentos que dizem respeito à intervenção do homem na vida humana, na área

biológica e médica. A tese principal é que, como seres sociais, temos o compromisso de construir mediante recriação da ordem de valores, a consciência de todos, enfatizando o desenvolvimento da medicina preventiva e a atuação das forças educativas.

O segundo volume trata da desarmonia do comportamento individual das pessoas que alimenta o vazio de valores, debilita a capacidade criativa e ética tanto das pessoas quanto das instituições.

23. BARCHIFONTAINE, C. de P. de; PESSINI, Leo (Org.). *Bioética: alguns desafios*. São Paulo: Editora Loyola, 2000. p. 347.

Este livro pode ser considerado como a complementação do trabalho monumental de Elio Sgreccia, acrescido de novos temas que apareceram nos últimos dez anos.

24. CNBB. *Setor família e vidas, questões de bioética: o valor, a beleza e a dignidade da vida humana*, Brasília. CNBB-2000. 79 p.

Desde 1999, a Equipe de Bioética do Núcleo de Reflexão e Apoio – Nurap – do Setor Família e Vida da CNBB tomou a iniciativa de promover anualmente um Fórum de Bioética.

A publicação é fruto do Primeiro Fórum organizado em 2 de outubro de 1999 em Brasília-DF.

O livro apresenta de forma sucinta o pensamento da Igreja Católica sobre a bioética conhecido como “personalista”. Esta corrente contrasta com outras tais como: liberal-radical que absolutiza a liberdade individual e não reconhece o outro como um ser humano que merece ser respeitado; pragmatista, baseada no princípio do “custo benefício” e na ótica utilitarista que valorizou a “utilidade social” e perde de vista o valor transcendente; sociobiológica ou naturalista que afirma que tudo evolui em função do “bem da espécie”, conseqüentemente a moral deve estar subordinada ao avanço do progresso biológico, social e científico.

OBSERVAÇÕES FINAIS

A idéia principal que resulta da leitura crítica da maioria dos livros considerados é a necessidade de uma ética para toda a humanidade como condição de progresso técnico, de paz e até de sobrevivência. No mundo cada vez mais globalizado em que vivemos não necessitamos de uma única religião ou de uma única ideologia. Necessitamos, em vez disso, de alguns valores, normas, ideais e objetivos vinculadores e unificadores. E dentro dessa premência, compete a todos uma responsabilidade especial diante de problemas tratados pela bioética que inclui uma compreensão radicalmente nova dos fenômenos morais. Como a ciência e a técnica são eminentemente inventivas e criam um novo mundo, assim a ética precisa inventar-se, isto é, descobrir-se sempre de novo. O surgimento da Bioética na área de ética aplicada, mais que um modismo, é uma necessidade de sobrevivência e constitui um desafio a uma visão míope, ou então legalista normativa e policialesca dominante, tanto no mundo político, social, como também na comunidade científica até pouco tempo atrás. Apenas o simples processo experimental da ciência não conduz à sabedoria: é necessário submeter os seus resultados à elaboração filosófico-conceitual, aos preceitos éticos, para torná-los verdadeiramente humanos.

A Bioética apareceu junto com o “medo planetário” criado pela retórica da crise protagonizada pelos discursos ecocatastrófico-matemáticos do Clube de Roma dos anos 1960. Esse discurso ainda continua fortalecido pelos novos fatos e descobertas científicas, transformados em discursos muitas das vezes ideológicos.

O discurso do sobrevivencialismo, claramente expresso desde a década de 1970 em títulos como “Teaching for survival”, acaba produzindo um efeito político que o sociólogo Anthony Giddens denomina pessimismo cínico. O pessimismo cínico pode ser entendido por intermédio da seguinte situação: 1) As coisas estão realmente muito ruins. 2) Qualquer atitude política que eu venha a tomar parece simplesmente irrelevante diante da catástrofe iminente. 3) Assim, o melhor mesmo é não fazer nada e se entregar a uma celebração anacrônica do aqui e agora.

A transferência das preocupações ambientais da esfera pública para a esfera privada da subjetividade narcísico-sobrevivencial é o mais maligno dos efeitos que uma educação ambiental poderia ter, se entendermos essa última como uma interferência na realidade política. A redução das preocupações ambientais

a um mero estado psicológico do sobrevivencialismo narcíseo representa um eclipse da prática política.

Calcula-se que a atividade produtiva individual e familiar do setor informal tem contribuído, não apenas para o PIB, mas sobretudo para diminuir as tensões sociais, impedindo a exploração do detonador crise-desemprego.

O setor da economia engloba, portanto, fenômenos multiformes, complexos e interligados, que vêm sendo, nos últimos anos, objeto de debates e de análises de especialistas da área econômica e das ciências sociais em geral.

As questões de biossegurança ultrapassaram a esfera científica e passaram a ser alvo de um debate emocional. A maior controvérsia está centrada na segurança das plantas transgênicas e dos alimentos derivados. Biossegurança, hoje, é uma grande responsabilidade social, ética e moral do cientista e não pode ser subordinada a considerações estritamente econômicas.

A Bioética pode ser conceitualizada como a expressão de idéias estruturalmente delineadas. Uma teoria deve buscar a compreensão profunda da reflexão do homem sobre o objeto da análise. Uma teoria científica reporta-se, em todos os seus pontos essenciais, a um quadro verídico. Existe também uma conceitualização das “autoridades teológico-científicas que enfatizam a questão da fé e o potencial de aproximação entre diferentes religiões. Ao mesmo tempo, aparece uma corrente na qual a Bioética assume um papel ideológico cuja dinâmica é própria, que transforma a ideologia dominante e é por ela transformada. Elas sempre contêm algumas doutrinas não-falsificáveis, no sentido indicado por Popper, daí decorrendo que um posicionamento ideológico está necessariamente associado à aceitação de um sistema de pensamento não totalmente científico.

Os diferentes conceitos de bioética, às vezes, entram em conflito, mas também têm o potencial das sinergias e da complementaridade. O encontro destas sinergias e da complementaridade constitui o maior desafio dos estudiosos do assunto no sentido de transformar a bioética numa ética global independentemente das contradições de culturas dominantes.

Para concluir, vale a pena lembrar a preocupação de Trotski usada como epígrafe no início deste trabalho. O conceito de eutanásia apresenta claramente a questão de quando e como, em nome de nossa idéia de felicidade, pode-se

L. Yeganiantz

matar alguém. Estas e outras questões de bioética ainda não foram respondidas de modo a formar um consenso. Saliente-se, também, que os livros considerados nesta resenha não estabelecem uma relação direta entre a preocupação ambiental, bioética, ética empresarial e a responsabilidade social que continuam a ser os desafios principais das ciências sociais no século XXI.